"ASSIM, QUEM JULGA ESTAR FIRME, CUIDE-SE PARA QUE NÃO CAIA" (1Cor 10,12): A PROMESSA DO DESCANSO COMO DÁDIVA E COMPROMISSO

Nélio Schneider

Introdução

Na tradição do povo de Israel, o sábado e o ano do jubileu são metáforas que apontam para uma esperança maior: o descanso definitivo. Ou seja: desde o começo esperava-se um tempo em que seria possível parar com o trabalho penoso, com a jornada exaustiva e com a preocupação diária pela sobrevivência.

O fato de Deus ter repousado no sétimo dia torna-se base legal para deixar de lado qualquer trabalho a cada sétimo dia, colocando este dia como o ponto alto da jornada semanal. O dia de descanso é o momento de usufruir da obra das mãos e deleitar-se com o produto dos esforços despendidos. É o trabalho que está em função do descanso e não o descanso em função do trabalho. O ponto alto é o descanso, porque nele a vida chega ao pleno gozo.

Para Israel, a utopia do repouso sabático estava diretamente ligada com a posse da terra prometida por Deus e foi tarefa de Moisés e Josué tirar a gente escravizada do Egito e conduzir o povo errante no deserto para o repouso derradeiro na terra que mana leite e mel (ver Nm 10,33; Dt 3,20; 12,10). Depois da invasão e conquista da terra prometida, Josué diz para as duas tribos e meia que acompanharam as demais até o fim da jornada:

> *"Agora, pois, Javé vosso Deus concedeu aos vossos irmãos o repouso que lhes havia prometido"* (Js 22,4).

A partir da posse da terra, estabelece-se, no mesmo princípio do sábado, um ano sabático a cada sétimo, para que descanse a terra e conseqüentemente também quem dela vive. E a cada sétimo ano sabático será proclamado um ano especial de jubileu em que se restabelecerá a igualdade e a justiça em toda a terra (Lv 25).

Porém, mais ainda do que da posse da terra, o cumprimento da esperança do repouso definitivo dependia da presença salvadora de Deus entre o povo e do reconhecimento de que isso representava uma aliança, um compromisso de parte a parte. Nas interpretações posteriores dessa história, Deus havia cumprido a sua parte, o povo, no entanto, não assumia com perseverança o seu compromisso para com ele. Por isso, essa esperança nunca foi plenamente realizada durante a história de Israel, de modo que continua aberta, apontando para o futuro. Constata-se que o povo não

cumpriu a condição da aliança e colheu intranqüilidade, servidão, guerra e exílio. Assim o interpreta Neemias:

> *"Porém, quando se viam em descanso, tornavam a fazer o mal perante ti; e tu os desamparavas nas mãos dos seus inimigos..." (Ne 9,28)*

Já na jornada pelo deserto a postura do povo havia sido muito ambígua, de modo que ela se prolongou mais do que o previsto. Deus queria ter certeza de que o povo estivesse preparado para o descanso. Sabe-se que a maior parte das pessoas da geração dos que foram libertados do Egito não chegou à promessa do descanso na terra prometida, mas ficou no deserto. Pelo mesmo motivo, Israel não entrou no pleno descanso prometido, deixando em aberto o cumprimento da promessa de Deus. Assim interpreta o autor do escrito aos Hebreus:

> *"Pois bem, se Josué lhes tivesse assegurado este repouso, não se falaria mais em outro dia. Por isso, ainda fica em perspectiva para o povo de Deus um repouso de sábado"* (4,8-9).

As primeiras comunidades cristãs, bebendo da mesma fonte da tradição de Israel, entenderam-se incluídas na promessa do descanso. Ou seja: elas se entenderam como o povo que continua peregrinando pelo deserto em busca do descanso definitivo na terra prometida por Deus (Hb 4,11; Ap 14,13).

Essa idéia também está na base da interpretação que o apóstolo Paulo faz da história de Israel em 1Cor 10,1-13, aplicando-a à trajetória da comunidade cristã de Corinto. Paulo pressupõe a situação do povo caminhando no deserto, na perspectiva da liberdade, mas passando por inúmeras dúvidas e tentações que ameaçam impedir sua chegada ao alvo, que é a terra prometida. Mais do que propriamente o descanso final, o que preocupa Paulo quando escreve são as dificuldades do caminho. O texto contém uma advertência à comunidade cristã de Corinto, para que ela aprenda dos erros do povo de Israel no deserto, para que não ocorra com ela o mesmo que ocorreu com aquele, ou seja, a maioria não entrou no descanso prometido, mas ficou no deserto.

Vamos destacar dois momentos dessa interpretação de Paulo que importa considerar também no atual momento histórico do povo de Deus a caminho: a) a libertação da casa da servidão e as dádivas divinas durante a jornada pelo deserto são graça e compromisso; b) a maneira de não se deixar desviar do caminho por inúmeras tentações, distrações e atrações é não perder de vista a promessa de Deus.

A presença de Deus na caminhada: graça e compromisso

Nos capítulos 8 a 10, Paulo se dirige à comunidade cristã de Corinto para orientá-la sobre a questão controvertida da participação de membros da comunidade nas refeições cúlticas de outras religiões da época. Algumas pessoas, depois de terem-se tornado cristãs, entenderam acertadamente que os ídolos não eram deuses verdadeiros e tiraram disso a conseqüência de que a participação nos cultos aos ídolos

e até comer a carne sacrificada aos ídolos não poderia afetar a sua fé. Por isso, tiveram toda a liberdade do mundo para se aproveitarem da situação. Outras pessoas, no entanto, não tiveram essa liberdade e se escandalizaram com a atitude das primeiras. Isso gerou um conflito na comunidade, obrigando Paulo a tomar posição em relação a ele.

Paulo, em princípio, dá razão às pessoas mais livres e diz que elas têm o conhecimento correto de que

> *"para nós, há um único Deus, o Pai, de quem vêm todas as coisas e para quem vivemos; e um só Senhor, Jesus Cristo, por meio de quem vieram todas as coisas e por meio de quem vivemos"* (8,6).

Porém, num segundo momento, ele afirma que de nada vale ter esse conhecimento correto se com isso ferimos e afastamos da fé a pessoa irmã que está na mesma comunidade e não tem a mesma liberdade de comer os alimentos oferecidos aos ídolos.

Mas isso ainda não é tudo o que Paulo tinha a dizer sobre o assunto. Ele vai mais fundo e afirma que aquelas pessoas que muito rapidamente usam o conhecimento como pretexto para uma liberdade sem limites, que diziam que "tudo é permitido", não entenderam as implicações dessa sua atitude para a relação com Deus nem compreenderam que por detrás dos ídolos se esconde uma realidade com a qual não se deve brincar.

Primeiro, não se deve querer provocar ciúmes em Deus, participando de cultos a outros deuses, mesmo que não se creia em sua existência (10,22). Esse tipo de liberdade estraga a relação com Deus. Segundo, por detrás da adoração aos ídolos está a realidade demoníaca, com a qual não se deve brincar, pois não se pode ter certeza da força para resistir a ela. Além disso, não é possível ter comunhão simultânea com a realidade dos demônios e com a nova realidade de Deus (10,14-22).

Tendo em vista esta situação, o tom do texto é de advertência. Deus fez e faz a sua parte, mas é necessário que a comunidade entenda que tem um compromisso com ele. Neste ponto, Paulo serve-se de uma comparação com a situação do povo de Israel no deserto (10,1-13). Ele entende o que foi escrito sobre a caminhada do povo de Israel rumo à terra prometida como metáfora, como exemplo para as comunidades cristãs do seu tempo, neste caso específico para a de Corinto (10,6 e 11).

Para começar, o apóstolo estabelece a relação clara entre a comunidade cristã e o povo de Israel no deserto: os membros daquele povo são nossos antepassados ("pais" – 10,1). Isso quer dizer que a comunidade cristã tem uma origem comum com o povo de Israel e está dentro da mesma tradição de promessa e compromisso. O que ocorreu com o povo de Israel no deserto ocorreu com nossos "pais" e faz parte da nossa história.

A seguir, com a insistente repetição da palavra "todos", Paulo enfatiza a comunhão na graça de Deus. "*Todos* estiveram sob a nuvem" (10,1): depois da libertação do Egito, o povo de Israel se pôs a caminho em direção ao mar e ao deserto. Êxodo 13,21 diz que Deus ia adiante do povo, durante o dia numa coluna de nuvem

e durante a noite numa coluna de fogo para lhe mostrar o caminho, de modo que conseguissem caminhar de dia e de noite e assim escapar dos egípcios. A presença redentora de Deus se manifestou na nuvem e o apóstolo Paulo, na sua interpretação dos fatos, acha importante ressaltar que *todos* experimentaram a presença salvadora de Deus daquela maneira. Do mesmo modo, ele ressalta que "*todos* atravessaram o mar" (10,1; veja Ex 14,22), experimentando pessoalmente a presença libertadora de Deus no sinal das águas que se levantavam à direita e à esquerda para deixá-los passar e que depois novamente se fecharam engolindo o exército egípcio que vinha no seu encalço.

No entender de Paulo, essa experiência significou o "batismo" do povo de Israel. Em outras palavras: a participação no evento da nuvem e do mar tem para cada pessoa do povo de Israel que dele participou o mesmo significado do batismo para cada pessoa que ingressa na comunidade cristã (10,2). Ali se demonstra a graça libertadora e salvadora de Deus que inclui a todos.

Mas a presença de Deus é graciosa não só no início da caminhada. A presença de Deus é graciosa também durante a difícil peregrinação pelo deserto inóspito. Ela providencia para *todos* o alimento e a bebida necessários para a jornada. "*Todos* comeram do mesmo alimento espiritual e *todos* beberam da mesma fonte espiritual" (10,3-4). Paulo se refere ao fato de que Deus graciosamente alimentou o povo com o maná do deserto (ler Ex 16) e providenciou para ele a água da rocha (Ex 17); são sinais da graça divina em meio às dificuldades e tentações do deserto. Para Paulo, essa história de Deus com Israel se confunde com a história de Deus com a comunidade cristã, pois também esta usufrui da presença de Deus por meio do batismo e da celebração da ceia do Senhor. Assim como Cristo está presente com a comunidade no batismo e na ceia, estava presente com Israel no deserto na água da rocha e no maná. Os benefícios de sua presença valem para *todos* hoje como valeram para *todos* naquela vez.

Embora a presença graciosa de Deus valesse para *todos* e afetasse positivamente a *todos*, Deus não se agradou da maioria deles. O resultado disso foi que se prolongou a marcha pelo deserto até que essa maioria estivesse morta, sendo impedida de chegar ao descanso esperado na terra prometida (10,5). Por que isso aconteceu? A graça de Deus não salva automaticamente? Não basta estar na presença de Deus para ter, de uma vez por todas, garantida a entrada no descanso definitivo do seu reino?

Não. Aqui está o outro lado da questão, que é do máximo interesse de Paulo apontar. É certo que a salvação é uma atitude unilateral de Deus; ele toma a iniciativa e marca a nossa vida com sua presença. Porém, a presença de Deus transforma a nossa vida e compromete a mesma com os valores que lhe são próprios, o que é traduzido por um compromisso radical com a própria graça e a própria libertação. Afastar-se dessa marca característica significa afastar-se da presença de Deus ou, o que é pior, afastar a presença de Deus de todos. Receber o bem e praticar o mal não combinam e tornam inviável a presença de Deus, tornando inviável também a sua promessa. A prática do mal não combina com o conteúdo da promessa, o descanso definitivo, pois

ela é por excelência a fonte da intranqüilidade e falta de segurança. Paulo exemplifica dizendo que Deus não suporta viver na presença de pessoas idólatras, imorais, tentadoras e murmuradoras (10,6-10).

Também essas atitudes do povo de Israel servem de exemplo para a comunidade cristã. Paulo mostra que as mesmas foram o motivo pelo qual Deus não cumpriu em relação a elas a sua promessa. A graça compromete e torna-se coisa séria, encruzilhada de vida ou morte. Por isso, é preciso estar atento sempre: "Quem acha que está de pé, cuide para que não caia!" (10,12)

A promessa de Deus: farol orientador no caminho difícil

Tendo em vista a situação da comunidade de Corinto, Paulo exemplifica as possíveis razões que podem levar alguém a ser excluído da promessa do descanso sabático definitivo. São muitas as possibilidades que podem afastar-nos do caminho que começamos a trilhar.

São as tentações que, como neblina baixa, podem interpor-se e impedir que enxerguemos a luz do farol da promessa de Deus. São as luzes fortes dos diversos atrativos modernos que podem ofuscar o brilho da utopia do reino. Ou são os sofrimentos e as privações que podem nos distrair e fazer retroceder, preferindo as panelas de carne da servidão ao maná da liberdade.

Numa advertência clara às pessoas da comunidade de Corinto que se sentiam mais livres, Paulo usa o exemplo da idolatria (10,7), referindo-se ao momento em que os israelitas resolveram fabricar o bezerro de ouro, fazer festa para ele e adorá-lo (Ex 32). Não é possível adorar simultaneamente a Deus e aos ídolos. Não é possível servir ao mesmo tempo a dois senhores. O bezerro de ouro representa o caminho próprio de salvação, a redenção pelas próprias mãos, a alegria fugaz e o caminho sem esperança duradoura, porque brota da falta de fé em Deus e da falta de solidariedade para com o próximo. A liberdade pessoal é sustentada com o sacrifício do amor e da solidariedade com que nos agraciou Deus.

Outros irritaram a Deus com sua atitude imoral (10,8), referência ao episódio em que alguns homens de Israel ficaram fascinados pelas mulheres estrangeiras e se deixaram levar por elas à adoração de deuses estranhos (Nm 25). Rapidamente esqueceram o compromisso com o seu Deus em troca de prazeres comprometedores, trazendo, com isso, desgraça sobre o povo todo.

Outra atitude que irritava profundamente a Deus era a murmuração contra os próprios sinais da graça de Deus que se manifestavam pelo caminho (10,9-10). A constante reclamação do povo contra as condições difíceis de sua existência fez com que Deus perdesse a paciência com ele. Muitas pessoas valorizavam mais as poucas vantagens que tinham na servidão (panelas de carne), do que a perspectiva

de um futuro incomparavelmente melhor. "Melhor um pássaro na mão do que dois voando". A postura imediatista desvia o olhar para o momento e faz perder de vista a promessa. O desconforto e a dor do momento fazem esquecer o conforto e o gozo do descanso prometido.

Esses exemplos da história de Israel são, para o apóstolo Paulo, imagens que guiam a comunidade cristã, para que ela não cometa os mesmos erros e fique de fora da promessa do descanso no fim da difícil jornada pelo deserto.

É preciso que a comunidade, como povo de Deus a caminho, tenha humildade e muita confiança em Deus. Uma atitude arrogante, expressa no *slogan* dos cristãos coríntios de que tudo é permitido, leva fatalmente à queda. "Quem está de pé cuide para que não caia!" É preciso saber que, quando se apresentarem as tentações, atrações e distrações, Deus também providenciará o caminho para resistir a elas (10,13). Para as pessoas cristãs de Corinto isso significava orientar-se pelo farol da promessa divina e manter firme o compromisso com os valores aprendidos de Cristo, ou seja, o amor e a justiça. Significava manter e reforçar o vínculo comunitário através do respeito mútuo e, especialmente, da consideração em relação às fraquezas das pessoas da comunidade. Significava também corrigir a falta de solidariedade na celebração da ceia do Senhor (1Cor 11,17-34).

Conclusão

Também para nós, comunidade povo de Deus a caminho, as palavras da história de Israel e sua interpretação por meio do apóstolo Paulo servem de admoestação a nos assegurarmos dos benefícios da graça de Deus e reiterarmos o compromisso com a sua promessa.

Pessoas cristãs engajadas estão a duvidar se ainda vale a pena continuar lutando por valores como justiça, igualdade e solidariedade diante da situação atual de perspectivas ambíguas para os movimentos populares e as comunidades cristãs.

É preciso reafirmar a perspectiva de Deus e localizar novamente a luz do farol da promessa divina, que ilumina o caminho em direção ao local do descanso definitivo. Acreditar na promessa é pôr-se a caminho sem ter visto a terra prometida nem conhecer a estrada que leva até ela. É pura fé no Deus que conhecemos por meio de Jesus Cristo. Há aqui a fidelidade a um compromisso assumido no batismo e reiterado a cada participação na ceia do Senhor.

Comprometidos com ele pelo batismo e pela comunhão na sua mesa, não podemos assumir uma atitude de compromisso com a ideologia injusta e desumana da servidão neoliberal e ignorar o significado de ter andado sob a sua graça. O "descanso" oferecido pelo sistema é ilusório e não representa o ponto alto da jornada, mas a pausa para merenda entre períodos intermináveis de labor servil. Na verdade,

o que o sistema oferece são tentações, distrações e impedimentos que desviam do caminho, dificultam a continuação da jornada ou fazem voltar para trás. Parece ser esse o momento do povo de Deus: o momento de estar alerta e perseverar no caminho, embora dificultoso, traçado pela promessa de Deus.

A promessa de Deus é maior: o descanso definitivo das aflições e batalhas impostas pelo mundo sem misericórdia, o usufruto pleno das dádivas de Deus numa vida "eterna" (= vida plena). Mas para chegar lá é preciso continuar caminhando, vendo e saudando de longe a realização plena da promessa de Deus (Hb 11,13), até que sejamos saudados no portal daquela "pátria melhor" (Hb 11,16) com a frase:

"Vocês já não são estrangeiros nem peregrinos" (cf. Ef 2,19).

Nélio Schneider
Rua Martin Lutero, 274
93030-120 São Leopoldo, RS
(051)590-1011
nelios@planet.com.br